

PRIMEIROS PASSOS

Xeque-mate: o xadrez russo, entre a educação e a revolução (1917-1924)

Checkmate: russian chess, between education and revolution (1917-1924)

Hugo Lousada Ferreira (hugolousadaf@gmail.com)

Graduado em História, Centro Universitário Barão de Mauá (CBM)

Yuri Araujo Carvalho (yuri.araujo@baraodemaua.br)

Mestre em História, Centro Universitário Barão de Mauá (CBM)

Resumo:

O presente artigo, desenvolvido a partir de uma monografia para a conclusão do curso de Licenciatura em História, possui como principal objetivo analisar a importância que o xadrez desempenhou nos primeiros anos de vigência da Revolução de Outubro (1917-1924). Parte-se da questão teórica a respeito da importância do xadrez no contexto revolucionário, abarcando a historicidade do próprio jogo na Rússia soviética, compreendendo os desdobramentos materiais no contexto analisado, de acordo com as novas necessidades sociais e educacionais colocadas em pauta a partir da Revolução Russa de 1917 e da Guerra Civil que perdurou até 1921. Observa-se que, para além da importância teórica do jogo de xadrez ao longo dos primeiros anos de formação da URSS, a relação entre o jogo em questão e a afirmação da Revolução foi peça-chave para o desenvolvimento de novas categorias para o jogo de xadrez na sociedade insurgente, transformando estruturas físicas e mentais durante o processo.

112

Palavras-chave: Xadrez; Revolução Russa; Educação.

Abstract:

This paper is initially developed as part of a monograph for the conclusion of the History Degree course, has as its main objective the analysis of the importance that chess, as a sport, had in the educational process of the first years of the October Revolution (1917-1924). It starts from the theoretical question regarding the importance of chess in the revolutionary context, covering the historicity of the game itself in Soviet Russia, comprehending the materials developments in the analyzed context, according to the new social and educational needs put on the agenda after the Russian Revolution of 1917 and the Civil War that lasted until 1921. It is observed that, in addition to the theoretical importance of the game of chess throughout the first years of the formation of USSR, the relationship between the game in question and the affirmation of the Revolution was a cornerstone to developing new categories for the game of chess in insurgent society, transforming physical and mental structures in the process.

Keywords: Chess; Russian Revolution; Education.

Introdução

Tendo em vista que o presente artigo trata especificamente do período concernente aos primeiros anos do êxito da Revolução Russa (1917-1924) – desdobrando-se nas pertinências do jogo de xadrez enquanto ferramenta contributiva para a consecução dos objetivos educacionais e políticos da época, conforme as demandas bolcheviques –, torna-se importante uma contextualização a respeito do processo revolucionário, evitando uma história imediatista; pois, como diria o historiador Fernand Braudel, em defesa da perspectiva de longa duração, “O tempo curto é a mais caprichosa, a mais enganadora das durações” (BRAUDEL, 1965, p. 5).

Portanto, devemos situar o(a) leitor(a) de que a cronologia do evento denominado “Revolução Russa” possui seus indícios sociais ainda no século XIX, mesmo que seu ápice histórico, segundo Lionel Kochan (1968), tenha sido atingido apenas em 1917. Não por acaso há, aqui, a definição do século XIX como ponto inicial: o próprio Lênin/Lénine (1984) colocava em questão o fato de que a abolição da servidão na Rússia czarista, ocorrida em 1861, havia sido crucial para a germinação do operariado russo que viria a formar, nos anos que antecederam a Revolução Russa, o proletariado insurgente.

113

As décadas de 1880 e 1890 foram marcadas pelo paradoxo da revolução industrial russa proposta por Vitte¹, que empregava capital estrangeiro para subsidiar as transformações sócio-industriais idealizadas pelo czarismo, mesmo já existindo a discussão, internamente ao próprio governo, de que haveria a possibilidade do aumento dos levantes populares (KOCHAN, 1968).

Agregado a isso, mesmo a década de 1890 tendo sido o “Ponto em que a indústria russa entrou na maturidade” (KOCHAN, 1968, p. 14), ela ficou “longe de trazer benefícios para a massa do povo russo”, contribuindo “ativamente, portanto, para o seu empobrecimento. Os flagelos da fome de 1891 e 1898 emprestaram trágica ênfase a este argumento” (KOCHAN, 1968, p. 15). Não obstante, internacionalmente o contexto econômico e político também não era favorável ao governo russo, pois:

Simultaneamente [à latência revoltosa e pobreza russa], as crises internacionais de fins do século XIX – Fashoda, Guerra Hispano-Americana, Guerra dos Bôeres, Rebelião Boxer – se combinaram para reduzir o suprimento de capital estrangeiro à Rússia (KOCHAN, 1968, p. 29).

¹ Sergei Yulievitch Vitte exerceu o comando do Ministério das Comunicações e da Fazenda a partir da ascensão de Alexandre III. Era pessoa de confiança não apenas de Alexandre III, como também de seu sucessor, o czar Nicolau II (KOCHAN, 1968).

Assim, o custeio da industrialização tomou forma de tarifas extremamente onerosas aos trabalhadores (reconhecidas por Vitte) (KOCHAN, 1968, p. 24), que somadas à situação da classe laboral russa e sua organização, promoveram a aglutinação de forças distintas² na virada do século XIX para o século XX, de modo que o descontentamento popular generalizado fosse canalizado pela ala bolchevique.

Segundo Osvaldo Coggiola e Arlene Clemesha (2005), tais tensões, aliadas às derrotas russas em 1904 na Guerra Russo-Japonesa, foram determinantes para que o governo czarista abrisse as portas para uma negociação com a população sublevada. No entanto, apesar de uma das lideranças revoltosas, Serge Trubetskoy, ter sido nomeado para encaminhar uma carta ao czar Nicolau II em novembro de 1904, e ter visto suas reivindicações aceitas, as negociações não duraram muito tempo, haja vista que “O efeito apaziguador dessas medidas foi mais do que anulado por um comunicado intransigente de 14 de dezembro. Este condenou violentamente todas as violações da ordem pública e reuniões ilegais” (KOCHAN, 1968, p. 86).

Nas semanas que se seguiram, de acordo com Maurício Tragtenberg (1988), a repressão foi ainda mais violenta, resultando no que ficou conhecido como Domingo Sangrento, ocorrido em 9 de janeiro de 1905 (segundo o calendário juliano).

Ao longo dos anos de 1904-1906, “O movimento [proletário] sofreu uma reversão logo em seguida, e os anos de 1908 a 1911 aparecem como um período de contrarrevolução vitoriosa” (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005, p. 27). Esses embates, ora com ameaças de xaque-mate por parte dos partidos liberais e burgueses aliados ao czarismo, ora por parte dos bolcheviques, só viriam a ter um desenlace maior “Nos primeiros dois meses de 1917” (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005, p. 28), devido ao endurecimento de condições nacionais e internacionais e do corrente desenvolvimento do capitalismo, que causou o agravamento da luta de classes europeia de maneira geral (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005).

Na virada do século, portanto, “O conjunto das contradições acumuladas provocaria crises internacionais a partir dos últimos anos do século XIX e dos primeiros do século XX [...] até literalmente explodir na Primeira Guerra Mundial” (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005, p. 73). Nessa época:

Começaram a aparecer os sinais de decomposição do exército russo, ao mesmo tempo que a economia mostrava-se prestes a entrar em colapso: as fábricas russas tinham capacidade para satisfazer apenas um terço das capacidades militares. Só podiam ultrapassar esse limite ao custo de provocar uma crise de abastecimento da

² Essa aglutinação incluía, à época, desde setores da gendarmaria russa (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005) até profissionais liberais e setores da burguesia (WILSON, 1986).

população. Foi exatamente isso que ocorreu em 1916 por ordem do *czar* (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005, p. 75).

A partir de então, as rebeliões se desenvolveram de tal maneira que, em 23 de fevereiro de 1917, os comerciantes fecharam as portas e uniram-se aos levantes populares. Dois dias depois, os bolcheviques já eram os grandes organizadores das insurreições e a polícia havia sido impedida de agir pelos cossacos, que anteriormente eram pró-governo czarista (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005).

Os ministros do *czar* Nicolau II³, temendo o pior, fugiram e deixaram o Palácio de Tauride (sede da *Duma*) para o menchevique Aleksandr Kerensky, que recebeu os revoltosos. Em poucos dias, o então *czar* renunciou ao trono e o indicou a seu irmão Mikhail, em 2 de março de 1917 (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005), mas a proposta foi recusada e o Príncipe Lvov o assumiu (TRAGTENBERG, 1988). Estava instaurado o Governo Provisório, ainda duramente criticado pelos bolcheviques devido ao seu caráter burguês (LÊNIN, 2017). Para contrapô-lo, foi fomentada a participação popular, por parte dos bolcheviques, no Soviete de Petrogrado, “Instituição popular e profundamente desconfiada em relação à burguesia e ao novo poder republicano instituído pelo Governo Provisório” (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005, p. 83) e que detinha o “Poder real”, enquanto o Governo Provisório detinha apenas o “Poder legal” (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005, p. 85).

115

Em 10 de outubro de 1917 o Comitê Central do partido bolchevique aprovou a tomada do poder na Rússia sem haver de se esperar o II Congresso dos *Soviets*, agendado para 20 de outubro; contudo, ainda havia o contexto da Primeira Guerra Mundial presente na realidade russa, em que cidades importantes como Riga estavam sob controle alemão (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005). De pouco em pouco, em meados de outubro, “Pontes, correios, estações tipográficas e edifícios públicos iam caindo nas mãos dos marinheiros e soldados do *soviet* dirigido pelos bolcheviques” (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005, p. 115), até que ao longo dos dias 24 e 25, “Os regimentos e os Guardas Vermelhos se lançaram ao assalto dos pontos mais estratégicos da cidade” (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005, p. 115) de Petrogrado. Estava deflagrada a Revolução de Outubro e em poucas horas houve o II Congresso Panrusso dos *Soviets*, aprovando “O novo ‘Governo dos Comissários do Povo’, presidido por Lenin” (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005, p. 115).

3 Nicolau II (1868 - 1918) foi sucessor de Alexandre III. Foi o último imperador da Rússia, de 1894 a 1917, tendo falecido em 1918.

Formação da URSS

Dadas as determinações historicamente constituídas a partir do processo revolucionário russo, a nascente ordem socialista havia de acompanhar “Uma nova época [que] havia começado para a humanidade” (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005, p. 118). No entanto, existia uma série de desafios a seguir: para além da Ucrânia sob Makhno (TRAGTENBERG, 1988), a Finlândia conflitava com os alemães, a Georgia com o Império Turco e as fronteiras chinesas na Manchúria eram ocupadas pelos japoneses – estourava, portanto, a Guerra Civil Russa (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005). Apesar de possuir tal nomenclatura, os autores alertam que havia a invasão externa por todos os lados da fronteira, de alemães, austríacos, tcheco-eslovacos, romenos, franceses, ingleses, estadunidenses, japoneses, finlandeses, estônios e lituanos (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005, p. 151).

Para evitar constrangimentos internacionais, turbulências econômicas e perdas humanas ainda maiores, “Era inevitável que a Rússia logo saísse da guerra” (HOBSBAWM, 2013, p. 336). Então os bolcheviques decidiram assinar o Tratado de Brest-Litovsk⁴ em 3 de março de 1918, afastando-se da Primeira Guerra Mundial (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005). A essa altura, o território russo era ocupado por várias das potências bélicas mundiais e por exércitos reacionários (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005); contudo, os problemas e peculiaridades internas dos países envolvidos fizeram com que se voltassem para os seus respectivos interesses nacionais (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005), já que, como diz Eric Hobsbawm (2013, p. 340), “A Primeira Guerra Mundial abalou profundamente todos os povos nela envolvidos”.

Enquanto isso, ao longo de uma grande esteira de modificações institucionais, em julho de 1918 já era aprovada a primeira Constituição da República Socialista Federativa Soviética Russa e a partir de fins de 1918, a empreitada marxista tomava forma internacional: grandes líderes revolucionários, a exemplo de Béla Kun, Josip Broz “Tito” e Renter-Friesland eram libertos da prisão (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005, p. 132) e organizações comunistas ou simpatizantes juntavam-se aos Congressos da Internacional Comunista de 1919 e 1920 (ambos realizados em Moscou), coligando grupos políticos de França, Inglaterra, Holanda, Espanha e da própria Rússia (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005).

⁴ Para mais informações a respeito do Tratado de Brest-Litovsky, conferir Hobsbawm (1995).

Com o fim da Guerra Civil Russa em 1921 (COGGIOLA; CLEMESHA, 2005), e a partir desse contexto histórico favorável, houve uma estruturação mais vigorosa do território soviético rumo ao socialismo marxista. Segundo Joel Carmichael (1967, p. 207), nesse período, três “Nomes receberam consideração especial, os de Lênin, Trotsky e A. V. Lunacharsky, que foi nomeado Ministro da Educação e ficou conhecido por suas ideias liberais em relação à arte e à literatura”.

Em março de 1921, na tentativa de melhorar as estruturas sociais fortemente abaladas pelos eventos militares em que a Rússia se envolvera, introduzia-se a NEP (Nova Política Econômica), que visava superar, segundo Amarílio Ferreira Junior e Marisa Bittar (2020, p. 119) “O ‘comunismo de guerra’ que havia vigorado na Rússia Soviética até o término da guerra civil”, enquanto criavam-se “As condições da transição do capitalismo para o socialismo mediante a retomada do crescimento das forças produtivas” (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 119). Foi a partir da NEP, portanto, que houve a possibilidade de “Criar as condições materiais e sociais elementares do processo inicial de construção do socialismo” (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 120).

Em suma, a partir de 1921, a prática política dos bolcheviques almejava “Três outras ‘revoluções’ que complementavam a Revolução de Outubro: industrial, agrária e cultural” (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 120). Para cumprir tal objetivo, iniciou-se um amplo processo de eletrificação e alfabetização em todo o território russo-soviético (BITTAR; FERREIRA JUNIOR, 2021), desfrutando de mudanças rápidas, tendo em vista que:

No domínio da instrução pública, por exemplo, a população alfabetizada cresceu de 32%, em 1920, para 40% nos fins de 1926. Nas aldeias funcionavam mais de 22 mil salas de aulas; o rádio e o cinema começaram a incorporar-se aos hábitos dos camponeses. Foi neste contexto histórico que Lênin exortou os povos que habitavam o antigo império czarista a se engajarem nas tarefas de construção da sociedade socialista na Rússia Soviética. Para o líder bolchevique, a tarefa começava pela organização da nova escola de Estado e é essa face da sua atuação revolucionária nos primeiros tempos da Rússia Soviética, pouco conhecida da literatura da educação (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 122).

A questão educacional

Para que entendamos o contexto social em que a proposta educacional marxiana vem à tona, é necessário ter-se em vista seu surgimento como um desenlace a uma questão candente e característica do sistema capitalista, que é a especialização. Para isso, Karl Marx escreve que:

Com efeito, desde o instante em que o trabalho começa a ser distribuído cada um dispõe de uma esfera de atividade exclusiva e determinada, que lhe é imposta e na qual não pode sair; o homem é caçador, pescador, pastor ou crítico crítico, e aí deve permanecer se não quiser perder seus meios de vida – ao passo que na sociedade comunista, onde cada um não tem uma esfera de atividade exclusiva, mas pode aperfeiçoar-se no ramo que lhe apraz, a sociedade regula a produção geral dando-me assim a possibilidade de hoje fazer tal coisa, amanhã outra, caçar pela manhã, pescar à tarde, criar animais ao anoitecer, criticar após o jantar, segundo meu desejo sem jamais tornar-me caçador, pescador, pastor ou crítico (MARX, 1987, p. 47).

Para um prosseguimento educacional objetivo, que torne possíveis as condições para um resultado social da maneira exemplificada por Marx (1987), é fundamental uma transição que leve em consideração a construção histórica coletiva e que conceba a escola como instrumento socio-metabólico indispensável ao longo dessa mudança geral e complexa, na qual, como diz István Mészáros (2008, p. 25) “Os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estão intimamente ligados”, de forma que qualquer “Reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir” (MÉSZÁROS, 2008, p. 25) com as suas funções históricas e essencialmente sociais.

A importância da educação para a revolução socialista não confina-se ao seu aspecto teórico, de maneira que Mészáros (2007, p. 293) anuncia que “O papel da educação não poderia ser maior na tarefa de assegurar uma transformação socialista plenamente sustentável”, tendo em vista que, para o autor, “O significado real de educação, digno de seu preceito, é fazer os indivíduos viverem positivamente à altura dos desafios das condições sociais historicamente em transformação” (MÉSZÁROS, 2007, p. 295).

118

O fator educacional é também marcadamente importante na prática, seguindo a demonstração histórica da Revolução Russa, como podemos notar logo na primeira página da Constituição da República Socialista Federativa Soviética Russa de 1918, em que lê-se: “O quinto congresso instrui o Comissariado do Povo para a Educação a introduzir em todas as escolas e instituições educacionais da República Russa o estudo e a explicação dos princípios básicos desta Constituição” (RSFSR, 1918, tradução nossa) – deixando claro que, para o sucesso da apreensão da lei e dos novos costumes (não somente legais, mas também culturais e sociais) da sociedade socialista, deveria haver uma apreensão sócio-metabólica⁵ reproduzida a partir dos meios educacionais (MÉSZÁROS, 2008).

5 Segundo Mészáros, a “reprodução sócio-metabólica” consiste no desenvolvimento de sociabilidades que podem ter relação direta com a ordem vigente e já estabelecida ou a alguma outra nova sociedade que anseia se desenvolver. Assim sendo, é um mecanismo que “[...] sujeita cegamente aos mesmos imperativos a questão da saúde e a do comércio, a educação e a agricultura, a arte e a indústria manufatureira, que implacavelmente sobreponha tudo seus próprios critérios de viabilidade, desde as menores unidades do seu ‘microcosmo’, até as mais gigantescas empresas transnacionais, desde as mais íntimas

Como atestam Paula Felício, Marta Chaves e Jani Moreira (2022), Anatóli Lunatcharsky foi um intelectual de grande envergadura, responsável pelos primeiros anos da direção do Commissariado do Povo para a Instrução Pública, que deixou seus registros sobre a importância da instrução e da integração de novos elementos culturais para o desenvolvimento da germinal sociedade socialista, afirmando que “Para a formação de um homem novo fica perfeitamente claro que, do ponto de vista da influência consciente sobre o curso do processo educativo, a nova escola surge como uma das tarefas essenciais” (LUNATCHARSKY, 1988 *apud* FELÍCIO; CHAVES; MOREIRA, 2022, p. 465). Além disso, no ano de 1918, no I Congresso de Toda-a-Rússia para a Instrução Pública, dizia ele: “Pode ser considerado vitorioso e senhor do seu destino um povo que possua, além dos meios de produção, o conhecimento” (LUNATCHARSKI, 1988 *apud* FELÍCIO; CHAVES; MOREIRA, 2022, p. 467).

Outro ponto importante nesse contexto é o de que a convicção que Lênin possuía:

No papel estratégico da educação para o sucesso da Revolução era total, por isso, como seu chefe máximo, posição equivalente à de presidente, empenhou-se pessoalmente para que no VIII Congresso do Partido Comunista (bolchevique), realizado em março de 1919, fosse aprovada a resolução que determinou:

1 - Instrução geral e politécnica gratuita e obrigatória para todas as crianças e adolescentes dos dois sexos, até os 17 anos de idade; 2 - Plena realização dos princípios da escola única do trabalho, com o ensino na língua materna, estudo em comum das crianças dos dois sexos, absolutamente laica, livre de qualquer influência religiosa, que concretize uma estrita ligação do ensino com o trabalho socialmente produtivo, que prepare membros plenamente desenvolvidos para a sociedade comunista (BITTAR; FERREIRA JUNIOR, 2021, p. 54).

119

Contudo, levando-se em consideração, como diz Leandro Sartori (2020, p. 152), que “O socialismo dialoga com as características próprias da sociedade na qual aconteceu a revolução”, os bolcheviques e toda a sociedade russa tinham que levar em conta, para todas as modificações sociais (incluindo, portanto, as educacionais), a herança histórica deixada por séculos de monarquia e influências das mais diversas, de maneira que a cultura educacional soviética:

Impactada pelo positivismo, marxismo e empirismo, [...] – fortemente alicerçada na concepção de mundo engendrada pelo cristianismo ortodoxo – foi marcada por um sistemático debate entre facções religiosas conservadoras e pensadores materialistas radicais. Essas contendas marcaram a gênese do pensamento educacional bolchevique. Neste contexto, uma plêiade de intelectuais liberais, libertários e marxistas legais engendraram as bases da filosofia educacional dos adeptos de Lênin a partir do início do século XX (BITTAR; FERREIRA JUNIOR, 2021, p. 27-28).

relações pessoais aos mais complexos processos de tomada de decisão dos vastos monopólios industriais, sempre a favor dos fortes e contra os fracos” (MÉSZÁROS, 2011, p. 96).

A prática czarista de educação formal era baseada, desde a sua formação em 1802:

Em dois princípios: 1. Constituição de um sistema educacional no qual a escolaridade ficava garantida aos filhos da aristocracia agrária e às classes médias dos grandes centros urbanos, ou seja, uma educação escolar demarcada pela seleção dos estudantes segundo as suas respectivas origens sociais; 2. Reafirmação da educação escolar como um aparelho reprodutor do tripé ideológico que sustentava o poder dominante da aristocracia agrária: autocracia (monarquia), ortodoxia (cristianismo) e nacionalidade (russificação dos outros povos). A histórica manutenção de um sistema educacional destinado a poucos mergulhou a velha Rússia na escuridão cultural, fator determinante para que o imenso Império euro-asiático chegasse ao século XX sem ter universalizado a escola pública (BITTAR; FERREIRA JUNIOR, 2021, p. 40).

Nota-se, portanto, ao longo das exposições, a diferenciação entre as propostas educacionais czarista e pós-revolucionária. O produto das medidas soviéticas a partir da Revolução de Outubro, para a alfabetização, foi visto em seu auge em 1939, quando a URSS se encontrava totalmente alfabetizada (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020), além de seguir critérios de:

Universalidade, laicidade, estatalidade, gratuidade, renovação cultural, assunção da temática do trabalho, como também a compreensão dos aspectos literário, intelectual, moral, físico, industrial e cívico. O que o marxismo acrescenta de próprio é, além de uma dura crítica à burguesia pela incapacidade de realizar esses seus programas, uma assunção mais radical e consequente dessas premissas e uma concepção mais orgânica da união instrução-trabalho (MANACORDA, 1989, p. 296).

120

Nesse âmbito de sensíveis transformações (1917-1930), foram formuladas as primeiras grandes teorias pedagógicas da URSS que marcaram a revolução cultural já mencionada (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020), encabeçadas por Luria, Vigotski, Krupskaya, Leontiev, Pistrak e Makarenko (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 125).

Xadrez e consciência socialista

Apesar de não ser intuito do presente artigo entabular uma extensa análise acerca do surgimento e desenvolvimento da história do jogo de xadrez, alguns apontamentos são válidos para compreendermos certas peculiaridades a respeito da tradição enxadrística em território russo.

Segundo Wesley Rocha (2009), o xadrez possui sua gênese em meados do século VI, a partir de um outro jogo, chamado de Chaturanga (de origem indiana). Sua crescente infiltração no continente asiático fez com que chegasse ao território russo por volta do século VIII, como atesta Edward Lasker:

O xadrez russo é sem dúvida de origem puramente asiática, embora as regras geralmente adotadas na Europa Ocidental no começo dos tempos modernos sejam hoje observadas em toda a vasta extensão desse país, tanto na Europa como na Ásia. Os russos provavelmente [sic] tiveram pela primeira vez conhecimento do jogo já no século VIII, através de seus mercadores que levavam produtos de todas as partes do país rio abaixo, pelo Volga, até o mar Cáspio, a fim de embarcá-los para um porto persa e transportá-los depois em camelos até Bagdá, o grande mercado dos muçulmanos (LASKER, 2014, p. 31).

Portanto, é possível notar que o jogo de xadrez, na Rússia, é multicentenário. De acordo com Alexander Kotov e Mikhail Yudovich:

Numerosas fontes históricas relativas aos séculos XVI e XVII refletem o amor do povo pelo xadrez e a popularidade do jogo na Rússia. Um manual de xadrez do início do século XVII, escrito por Gustavus Selenus, por exemplo, cita uma carta da Polônia, escrita em 1581, que diz que “os russos, ou moscovitas, jogam xadrez de forma mais engenhosa e com grande diligência, e a sua habilidade neste jogo é de tal forma que, na minha opinião, outras nações não podem facilmente igualá-las” (KOTOV; YUDOVICH, 1961, p. 12, tradução nossa).

Um ponto importante para o entendimento do valor que o xadrez recebeu no período pós-revolucionário perpassa as próprias raízes do jogo moderno no país, lembrando os embates históricos empreendidos pelo fundador da Escola Russa de xadrez, Mikhail Chigorin (1850-1908) (KOTOV; YUDOVICH, 1961), o qual lutava pela democratização e “Contra a profanação da arte [enxadristica] por patronos ‘magnânimos’” (KOTOV; YUDOVICH, 1961, p. 17, tradução nossa). De acordo com Michael Hudson, portanto, é válido dizer que:

Antes da revolução, as organizações de xadrez eram reservadas à elite, classes privilegiadas. Isso explica as ações dos soldados alojados [durante a Primeira Guerra Mundial] nas salas da Assembleia de Xadrez de Petrogrado. Eles haviam decapitado as peças de xadrez por causa da associação do jogo com o Antigo Regime (HUDSON, 2013, p. 89-90, tradução nossa).

De tal modo, o xadrez não foi poupado pelos eventos militares deflagrados no começo do século XX, mantendo situação tão catastrófica quanto a do sistema educacional russo no período. Tais fases beligerantes apresentavam, de forma geral, um desafio, uma “Escolha que todo revolucionário-enxadrista enfrenta: jogar xadrez ou fazer revolução?” (HUDSON, 2013, p. 79, tradução nossa).

Subsequentemente a esse período de grandes tensões enxadrísticas, transcorreram os “Primeiros tempos da URSS (1917-1930)” (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 2020, p. 125), com o desenvolvimento de grandes teses educacionais, pedagógicas e psicológicas. Ambos – xadrez e educação – passaram a se entrecruzar não apenas historicamente, mas também dialeticamente, como veremos a seguir, de acordo com os próprios praticantes e desenvolvedores de tais teorias.

Lunatcharski (1988, p. 92 *apud* FELÍCIO, 2018, p. 123) dizia que os profissionais da educação “Devem escolher sempre os jogos de maneira a fazer-lhes adquirir todos os dias novos conhecimentos, para que em cada dia aprendam alguma coisa, para que em cada dia elas possam iniciar-se neste ou naquele pequeno trabalho manual”, rumo à edificação de novos preceitos do trabalho. Na prática, isso significa que:

Os limites entre as disciplinas específicas de ensino, claro, se misturam por completo na escola elementar, que constitui os últimos anos do jardim da infância. Aqui quase todos os estudos reduzem-se a uma grande e única disciplina ainda não diferenciada: o trabalho de familiarização com o meio ambiente natural e social que cerca a criança. Jogo, passeio, palestra fornecem material para o pensamento coletivo e individual na atividade da criança. Começando com a própria criança e o seu meio ambiente, tudo serve de objeto para perguntas e respostas, contos, composições, desenhos, imitações. O professor sistematiza, sem nenhuma coação, a curiosidade da criança e seu desejo de movimento e direciona-o de forma a obter, assim, resultados mais valiosos. Tudo isso também é matéria básica de ensino, como se fosse uma enciclopédia infantil. Os níveis mais elevados de ensino, naturalmente, não se limitam a isso. O trabalho sistemático com a assimilação de um determinado ciclo de conhecimentos ocupa lugar principal. Mas este ensino de disciplinas específicas não deve de forma alguma substituir esta enciclopédia, que continua também aqui a jogar um grande papel, mas que adquire um caráter um pouco diferente. A saber, ela toma agora um caráter de estudo da cultura humana em ligação com a natureza (LUNATCHARSKI, 2017, p. 291).

122

De maneira similar, Nadezhda Krupskaya deixou registros da importância dos jogos na nova sociedade socialista em vários de seus escritos. Segundo a revolucionária, a nova escola deveria perder o costume da antiga escola, que:

Dá muito pouco lugar ao jogo, logo impondo à criança o caminho para qualquer atividade pelo método das pessoas adultas. Ela não valoriza o papel dos jogos. A passagem dos jogos para os estudos sérios é demasiadamente brusca; entre o jogo livre e os estudos escolares regulamentados nada é colocado para preencher a brecha (KRUPSKAYA, 2017, p. 121).

Para Krupskaya, os “Diferentes tipos de jogos contribuem, também, para o desenvolvimento das habilidades organizacionais. [...] Não podemos ignorar o jogo, um dos mais importantes meios de educar o hábito da ação coletiva” (KRUPSKAYA, 2017, p. 88). Semelhantemente anunciava Moisey Pistrak (2009), ao demonstrar, como exemplo prático da escola-comuna, como os jogos são importantes para a socialização dos jovens e o desenvolvimento das crianças.

Seguindo a mesma linha dos revolucionários supracitados, Anton Makarenko via a educação como necessariamente moral e política:

Os nossos objetivos são especiais: devemos formar um comportamento comunista. Por outras palavras, os nossos objetivos só podem ser expressos nas qualidades do caráter que definem a personalidade comunista e estas qualidades devem formular-se muito detalhadamente, com precisão (MAKARENKO, 2010, p. 121).

Para alcançar tais objetivos, no entanto, o educador soviético trouxe à luz uma análise mais aprofundada sobre os “jogos”, que os autores anteriores não haviam especificado. Segundo ele, o novo sistema educacional soviético deveria portar “Instituições infantis para organizar o trabalho cultural” (MAKARENKO, 2010, p. 70). Dizia o autor, a respeito de maneiras de fomentar o trabalho cultural:

Podem ser recomendados os seguintes círculos: de coro, dramático, de literatura russa, de literatura nacional, de instrumentos de sopro, de instrumentos de corda, de instrumentos de percussão, de pintura, de trabalhos manuais, de dança, de fotografia, de investigações em ciências naturais, de radioamadores, de física e química, de línguas estrangeiras, desportivo, de contos, de xadrez e damas (MAKARENKO, 2010, p. 71).

No entanto, as convergências entre o xadrez e a educação revolucionária não foram abruptamente consubstanciadas. Devido ao aspecto proletário e socialista da nova sociedade, era necessário que o xadrez, enquanto símbolo do antigo czarismo, fosse então (re)significado, de maneira a

Destruir as organizações das classes privilegiadas. A cultura do xadrez, como todos os outros aspectos da cultura burguesa, teve que suportar o julgamento dos trabalhadores. Seriam descartados ou reconstruídos ao longo de linhas proletárias (HUDSON, 2013, p. 89-90, tradução nossa).

123

Segundo Hudson (2013), após uma tentativa falha ocorrida em 1914, na qual os enxadristas e os entusiastas da organização proletária do esporte no país almejavam restaurar o movimento de Chigorin para a criação de uma grande Assembleia de Xadrez (KOTOV; YUDOVICH, 1961), uma nova empreitada no mesmo sentido teve efeito a partir da execução da Olimpíada Pan-Russa de Xadrez, ocorrida em 1920⁶, criando espaço para novas alternativas de organização do esporte, de forma que “As perspectivas para o xadrez soviético repentinamente se iluminaram” (HUDSON, 2013, p. 92, tradução nossa).

Foi percebido, por exemplo, que as iniciativas enxadrísticas só surtiriam efeito massivo caso fossem desligadas de seu antigo pensamento elitista e de “Líderes [que] consideravam o xadrez como ‘arte pela arte’” (KOTOV; YUDOVICH, 1961, p. 54, tradução nossa). No mesmo ano de 1920, o renomado enxadrista bolchevique Il’in-Zhenevskii:

Observou que a justificativa para incluir o esporte [físico] no treinamento militar era menos sobre condicionamento físico do que sobre o desenvolvimento de atributos

6 Conforme Kotov e Yudovich, “Em tempo de guerra, a Primeira Olimpíada Pan-Russa de Xadrez, de fato o primeiro campeonato soviético, foi realizada em Moscou. O principal objetivo da Olimpíada, que foi patrocinada pela Organização dos Reservistas Gerais, era trazer à tona e unir as forças de xadrez da Rússia. Revelou que a Guerra Mundial, e depois a Guerra Civil, tinham dizimado as suas fileiras. Entre os 16 competidores da Olimpíada houve apenas um grande mestre e três mestres” (KOTOV; YUDOVICH, 1961, p. 53, tradução nossa).

mentais específicos como ousadia e desenvoltura. Ele concluiu que o xadrez poderia ensinar as mesmas lições e muito mais. Como ele apontou: “O xadrez, às vezes até mais que o esporte [físico], desenvolve a ousadia, a inventividade, a força de vontade e algo que o esporte não pode: habilidade estratégica”. Ele decidiu que o xadrez deveria ser incluído junto com esportes no programa de treinamento de Vseobuch⁷. Esta foi a origem do apego do xadrez soviético à cultura física, associação que perdurou até o final da União Soviética. Il'in-Zhenevskii apresentou sua proposta de xadrez ao diretor principal de Vseobuch, N. I. Podvoiskii, que aprovou imediatamente (HUDSON, 2013, p. 92-93, tradução nossa).

Pouco a pouco, não apenas essa adesão formal do treinamento militar⁸ dos bolcheviques ao xadrez, mas também outras medidas concernentes ao jogo e sua relação com a nova sociedade revolucionária foram tomando forma:

De um movimento fechado e divorciado da vida, transformaram-no em parte integrante do desenvolvimento cultural. O estabelecimento de novas formas começou em Moscou em 1922, quando os círculos de xadrez surgiram nos clubes de trabalhadores e nas fábricas e moinhos. O número de círculos cresceu e, em agosto de 1923, o departamento de educação cultural do Conselho Sindical de Moscou convocou a primeira Conferência de Xadrez de Moscou (KOTOV; YUDOVICH, 1961, p. 54, tradução nossa).

Tornou-se, portanto, um jogo comum nos mais diferentes âmbitos da sociedade, com grandes campeonatos ocorridos em escritórios, escolas, fábricas e fazendas coletivas (KOTOV; YUDOVICH, 1961). Ainda no denominado Primeiro Período do xadrez soviético (1917-1924), em que “A Grande Revolução Socialista de Outubro de 1917 colocou as atividades culturais ao alcance das massas” (KOTOV; YUDOVICH, 1961, p. 53, tradução nossa), houve um marco significativo com a criação da Seção de Xadrez e Damas do Conselho Superior de Cultura Física, no ano de 1924, pois a partir de então foi formado um Congresso de Xadrez da URSS, que desempenhou um papel importante na ascensão do movimento. Ele definiu o lugar do xadrez no trabalho geral de educação cultural realizado pelas organizações soviéticas e dissolveu a Associação Russa de Xadrez, já que não havia justificativa suficiente para a sua existência nas novas condições. Pela primeira vez na história do jogo, o Congresso apresentou a tese de que “O xadrez é um instrumento para o avanço cultural das massas” (KOTOV; YUDOVICH, 1961, p. 54, tradução nossa).

De tal modo, segundo Augusto Cláudio Tirado e Valério Brusamolin (2020), através de um forte impulso estatal, o xadrez soviético se desenvolveu notavelmente. Foi também nesse período que surgiram grandes avanços no uso do xadrez como ferramenta educativa⁹, haja vista que a “União Soviética passou a sediar torneios importantes do calendário mundial

7 Segundo o autor, “Vseobuch” era “um acrônimo para Treinamento Militar Universal” (HUDSON, 2013, p. 92).

8 Para maiores informações sobre a associação entre treinamento militar e o jogo de xadrez, conferir: Tirado e Brusamolin (2020).

9 A exemplo da primeira coluna jornalística específica sobre xadrez, em uma publicação quinzenal, surgida na primeira semana de abril de 1920 (HUDSON, 2013).

com a participação dos principais enxadristas da época. Entre eles pode-se ressaltar o Torneio Internacional de 1925” (TIRADO; BRUSAMOLIN, 2020, p. 7). Não à toa, floresceu nesse ínterim a tradição hipermoderna¹⁰ de xadrez, comandada pelos maiores enxadristas soviéticos à época.

Além disso, o xadrez na URSS foi importantíssimo por figurar como uma “Opção para elevar a autoestima do povo, passando uma imagem de um país culto e intelectualizado” (TIRADO; BRUSAMOLIN, 2020, p. 7). Se a Escola Hipermoderna surgiu após a Primeira Guerra Mundial, após a Segunda Guerra Mundial seus frutos seriam colhidos: foi a partir de então que a Escola Soviética, desenvolvida por meio dos estudos dos soviéticos hipermodernos, alcançou seu auge. Com base nesse desenvolvimento, “Criaram-se condições em que novas escolas formadoras de enxadristas de elite, gerenciadas por Grandes Mestres de renome internacional, surgissem na antiga União Soviética e mesmo após a sua dissolução” (TIRADO; BRUSAMOLIN, 2020, p. 8).

Essa grande onda de desenvolvimento do enxadrismo em território soviético foi tão importante que ressoou em outros países, em especial naqueles que tentariam a transição de um modelo econômico-social capitalista para outro, de caráter socialista-marxista, como nos casos da República Popular da China¹¹ e de Cuba¹².

Dessa forma, o xadrez figurou, dentro da concepção educacional soviética, como um instrumento de estímulo à prática do desenvolvimento da consciência socialista, fator de importância fundamental para as sociedades em formação (MÉSZÁROS, 2007). Como atesta Mészáros (2011):

É improvável que certas condições para a socialização da produção e para a posterior unificação do trabalho previstas por Marx se realizem no quadro dos limites e das restrições da própria ordem social capitalista. Naturalmente, isso não diminui a importância de uma consciência de massa socialista. Ao contrário, destaca ainda mais a função sócio-histórica vital de tal consciência. A plena realização do projeto socialista é inconcebível sem um bem-sucedido tratamento consciente, integrado e “totalizante” (embora, é claro, mediado) de seus problemas pelos produtores associados, em um ambiente globalmente interligado (MÉSZÁROS, 2011, p. 1062).

Corroborando com as ações e organizações educacionais soviéticas do período e suas proposições, Mészáros ainda diz que:

10 Tendo entre seus expoentes os GM Richard Reti e Aaron Nimzowitsch, a Escola Hipermoderna de xadrez ficou conhecida por ser muito competitiva e contrária aos princípios posicionais instituídos pela antiga tradição de Steinitz. Para mais informações a respeito do tema, consultar Tirado e Brusamolin (2020).

11 Para mais informações a respeito do sistema educacional chinês ao longo dessa transição, consultar: Lima, Carvalho e Lombardi (2020) e Souza (2020). Para mais informações específicas sobre a instituição do xadrez no processo educativo chinês, consultar: Tirado e Brusamolin (2020).

12 Para mais informações sobre a relação entre educação e revolução no caso de Cuba, consultar: Modesto e Brito (2020). Para maiores informações a respeito do xadrez e sua importância em Cuba, consultar: Bayolo (2016).

Só se pode apelar com realismo para a importância crescente de uma consciência social totalizante evocando-se ao mesmo tempo as mediações materiais necessárias – que visam à superação da dada fragmentação do trabalho – pelas quais se torna inicialmente possível o desenvolvimento desta consciência (MÉSZÁROS, 2011, p. 1062).

Assim sendo, a educação soviética, em especial conjugada com o xadrez (ainda de caráter profundamente anti-idealista, uma das marcas do legado de Chigorin) (KOTOV; YUDOVICH, 1961), foi fundamental para o desenvolvimento da consciência socialista soviética, uma das bases até mesmo para o combate soviético na Guerra Fria, que segundo Andrew Soltis (2000) contou com a propaganda massiva do xadrez após o esporte ter atingido seu auge de maturação na cultura soviética.

Considerações finais

Ao longo do desenvolvimento do presente artigo, percebemos que os jogos podem criar uma atmosfera social e política extremamente proveitosa quando bem analisados e instrumentalizados, principalmente se acompanhados por profissionais da educação que tenham conhecimento básico de seu uso. O “jogo pelo jogo” existe, mesmo não sendo livre de influência ideológica, pois tudo que envolve o ser humano e suas dinâmicas é perpassado, de certa forma, pela ideologia – como nos aponta Eni Orlandi (1990, p. 4) ao dizer, certamente, que “Não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político” –, mas não se deve perder de vista a magnitude da possibilidade do uso educacional de uma ferramenta de tanta importância, como é o caso do jogo de xadrez, foco principal no decorrer da presente pesquisa.

Constata-se que o xadrez performou um papel de demasiada influência e notoriedade ao longo da educação soviética, no que concerne aos anos que criaram as bases para a sucessão do socialismo na Rússia, inclusive na candente tarefa de fomentar e consolidar a chamada “consciência socialista” do “novo homem soviético”, termos relativamente comuns na literatura da época, presentes, por exemplo, em Makarenko (2010) e Lunatcharsky (1988), mas também constantes em análises posteriores e atuais, como no estudo organizado por José Claudinei Lombardi e Marcos Lima (2020) a respeito das características tanto gerais como particulares da educação socialista praticada nos principais centros políticos contra-hegemônicos do século XX.

Visto que a nova sociedade soviética defendia a necessidade de formar uma unidade tanto política quanto socialmente coesa (e de acordo com o ideário proporcionado pelo socialismo marxista), a adesão do xadrez enquanto jogo foi fator fundamental, quando conjugado às outras instâncias promovidas pelo socialismo soviético, para estimular os povos russos em busca de mudanças estruturais que levassem aquela sociedade rumo a uma sociabilidade que internalizasse os preceitos de um novo jeito de viver e conduzir a vida pública.

Em torno da historiografia, notou-se que há uma vasta existência de textos sobre o xadrez, envolvendo a teoria enxadrística, sobre o xadrez enquanto ciência, esporte, jogo ou arte, principalmente escritos pelos GM's¹³ do século XX; de maneira parecida, encontrou-se uma ampla gama de textos sobre as circunstâncias revolucionárias da Rússia nas duas primeiras décadas do século XX e sobre as necessárias tarefas (inclusive educacionais) da Revolução Russa para que pudesse firmar-se exitosa.

Contudo, produções acadêmicas que fizessem a associação entre ambos os temas de maneira profícua, proporcionando a interligação dialética entre xadrez e revolução, não foram encontradas com facilidade – destacamos, nesse aspecto, trabalhos escritos em língua inglesa, tais como o livro de Andrew Soltis (2000), já devidamente referenciado, a tese de Michael Hudson (2013), e a produção de Alexander Alexandrowitsch Kotov e Mikhail Mikhailovich Yudovich (1961), mesmo que saibamos da existência de outros trabalhos importantes que poderiam ter sido mobilizados, ainda que também em idiomas estrangeiros.

Chancela-se, finalmente, que tal produção acadêmica é de fundamental importância para que entendamos as circunstâncias que proporcionaram êxito ao “socialismo real”, podendo nos oferecer apontamentos para o desenvolvimento de tal pensamento em outros contextos, como o brasileiro e o latino-americano.

Referências

BAYOLO, Jesus G. *Fidel y Ajedrez (final)*. CubaDebate, Havana, 13 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://www.cubadebate.cu/opinion/2016/08/13/777809/>>. Acesso em: 04/04/2024.

BITTAR, Marisa; FERREIRA JUNIOR, Amarílio. *A Educação Soviética*. São Carlos-SP: EDUFSCAR, 2021.

13 Sigla para “Grande Mestre”, o mais alto título vitalício e honorário concedido pela FIDE (Federação Internacional de Xadrez).

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. *Revista de História*, v. 30, n. 62, p. 261-294, junho 1965. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123422>>. Acesso em: 03/05/2023.

CARMICHAEL, Joel. *História resumida da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

COGGIOLA, Osvaldo; CLEMESHA, Arlene. *25 de outubro de 1917: A Revolução Russa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

FELÍCIO, Paula Gonçalves. *Anatoli Vassilievitch Lunatcharski: a educação na Rússia Revolucionária (1917-1929)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Maringá, 2018. Disponível em:
<<http://www.ppe.uem.br/teses-e-dissertacoes-1/dissertacoes-1>>. Acesso em: 15/06/2023.

FELÍCIO, Paula Gonçalves; CHAVES, Marta; MOREIRA, Jani Alves da Silva. Proposições de Anatoli Lunatcharski para a educação soviética: a defesa pela ciência e pela arte. *Germinal: Marxismo e educação em debate*, v. 14, n. 3, p. 462-473, dezembro 2022. Disponível em:
<<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/48214/28307>>. Acesso em: 10/09/2023.

FERREIRA JUNIOR, Amarílio; BITTAR, Marisa. Revolução e educação: a experiência soviética. In: LOMBARDI, José Claudinei; LIMA, Marcos (org.). *Educação e Revolução: as revoluções nos séculos XIX e XX e as possibilidades de uma nova educação*. Uberlândia-MG: Navegando Publicações, 2020. p. 119-131.

128

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. Podemos escrever a história da Revolução Russa? In: HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 332-346.

HUDSON, Michael. *Storming Fortresses: a political history of chess in the Soviet Union, 1917 – 1948*. Tese (Doutorado em Filosofia da História). Universidade da Califórnia, 2013. Disponível em:
<https://escholarship.org/content/qt0s71f0cw/qt0s71f0cw_noSplash_22625b826d6aad8c2769f6e3e401dac6.pdf>. Acesso em: 28/03/2023.

KOCHAN, Lionel. *Origens da Revolução Russa (1890-1918)*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

KOTOV, Aleksandr; YUDOVICH, Mikhail. *The Soviet School of Chess*. Nova Iorque: Dover Publications, 1961.

KRUPSKAYA, Nadejda. *A construção da pedagogia socialista*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

LIMA, Marcos Roberto; CARVALHO, Márcio Bernardes de; LOMBARDI, José Claudinei. Notas e reflexões sobre a educação na China revolucionária. In: LOMBARDI, José Claudinei;

LIMA, Marcos (org.). *Educação e Revolução: as revoluções nos séculos XIX e XX e as possibilidades de uma nova educação*. Uberlândia-MG: Navegando Publicações, 2020. p. 201-222.

LASKER, Edward. *História do Xadrez*. São Paulo: IBRASA, 2014.

LÊNIN, Vladimir Ilyich. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Boitempo, 2017.

LÉNINE, Vladimir Ilyich. *Aos pobres do campo: explicação aos camponeses daquilo que querem os sociais-democratas*. Lisboa: Editorial “Avante” – Edições Progresso, 1984.

LUNATCHARSKI, Anatóli Vasilevitch. Declaração sobre os princípios fundamentais da escola única do trabalho. In: KRUPSKAYA, Nadejda. *A construção da pedagogia socialista*. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 285-308.

MAKARENKO, Anton. As minhas concepções pedagógicas. In: FILONOV, Georgii Nikolaevich. *Anton Makarenko*. Recife: Editora Massangana, 2010. p. 114-125.

MAKARENKO, Anton. O trabalho cultural. In: FILONOV, Georgii Nikolaevich. *Anton Makarenko*. Recife: Editora Massangana, 2010. p. 70-76.

MANACORDA, Mario Alighiero. *História da educação: da Antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.

MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008.

MÉSZÁROS, István. Educação: o desenvolvimento contínuo da consciência socialista. In: MÉSZÁROS, István. *O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 293-316.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MODESTO, Crislaine Matozinhos Silva.; BRITO, Clarisvaldo Silva. Educação cubana: caminhos para a formação humana integral. In: LOMBARDI, José Claudinei; LIMA, Marcos (org.). *Educação e Revolução: as revoluções nos séculos XIX e XX e as possibilidades de uma nova educação*. Uberlândia-MG: Navegando Publicações, 2020. p. 289-304.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes Editores, 1990.

PISTRAK, Moisey (org.). *A escola-comuna*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

ROCHA, Wesley Rodrigues. *O jogo e o xadrez: entre teorias e a história*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Cultura e Poder. Universidade Católica de Goiás, 2009. Disponível em: <<https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/2252/1/Wesley%20Rodrigues%20Rocha.pdf>>. Acesso em: 20/06/2023.

RUSSIAN SOVIET FEDERATED SOCIALIST REPUBLIC. [Constituição (1918)]
Constitution of the Russian Soviet Federated Socialist Republic 1918. Moscow: All-Russian General Executive Committee, 1918. Disponível em:
<<https://www.marxists.org/history/ussr/government/constitution/1918/>>. Acesso em:
12/09/2023.

SARTORI, Leandro. Educação e transição socialista soviética: perspectivas dos primeiros anos do regime. In: LOMBARDI, José Claudinei; LIMA, Marcos (org.). *Educação e Revolução: as revoluções nos séculos XIX e XX e as possibilidades de uma nova educação.* Uberlândia-MG: Navegando Publicações, 2020. p. 151-174.

SOLTIS, Andrew. *Soviet Chess 1917-1991.* Londres: McFarland & Company Inc, 2000.

SOUZA, Marilsa Miranda de. A educação socialista na China durante a grande revolução cultural proletária (1966-1976). In: LOMBARDI, José Claudinei; LIMA, Marcos (org.). *Educação e Revolução: as revoluções nos séculos XIX e XX e as possibilidades de uma nova educação.* Uberlândia-MG: Navegando Publicações, 2020. p. 223-264.

TIRADO, Augusto Cláudio Santa Brígida; BRUSAMOLIN, Valério. O estudo evolutivo do treinamento do xadrez e a inserção das tecnologias. *Revista Mundi Engenharia, Tecnologia e Gestão*, v. 5, n. 1, p. 1-18, maio 2020. Disponível em:
<<https://revistas.ifpr.edu.br/index.php/mundietg/article/view/1051/916>>. Acesso em:
26/07/2024.

130

TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa.* São Paulo: Atual, 1988.

WILSON, Edmund. *Rumo à Estação Finlândia.* São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Primeiros passos

Recebido em: 06 fev. 2024.

Aprovado em: 31 jul. 2024.